



Bolsas		Pontuação B3		Dólar		Salário mínimo		Euro		CDI		CDB		Inflação	
Na quarta-feira		Ibovespa nos últimos dias		Na quarta-feira		Últimos		Comercial, venda na quarta-feira		Ao ano		Prefixado 30 dias (ao ano)		IPCA do IBGE (em %)	
0,07% São Paulo		0,68% Nova York		R\$ 5,293 (+0,38%)		R\$ 1.518		R\$ 6,133		14,90%		14,90%		junho/2025 0,24 Julho/2025 0,26 Agosto/2025 -0,11 Setembro/2025 0,48 Outubro/2025 0,09	
		153.338157.632		6/novembro 5,348 7/novembro 5,335 10/novembro 5,307 11/novembro 5,273											
		7/1110/1111/1112/11													

GUERRA COMERCIAL

Em reunião prevista para hoje, o chanceler Mauro Vieira e o secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio discutirão a diminuição da tarifa de 50% sobre o café. Exportadores brasileiros estão otimistas com a possibilidade de a taxa ser zerada

EUA sinalizam redução de taxa para café

» VICTOR CORREIA
» PEDRO JOSÉ*

O secretário de Estado dos Estados Unidos, Marco Rubio, deve receber o ministro das Relações Exteriores do Brasil, Mauro Vieira, hoje, em Washington, para dar continuidade às negociações sobre as tarifas impostas a produtos brasileiros. O encontro acontecerá após uma reunião entre os dois diplomatas realizada ontem, em Niágara, no Canadá, às margens da reunião de chanceleres do G7.

Vieira e Rubio relataram os encaminhamentos técnicos das negociações feitos por ambas as partes. E o chanceler brasileiro explicou que o Brasil enviou uma proposta aos Estados Unidos no dia 4 de novembro. Os dois concordaram ainda em marcar uma nova reunião presencial para continuar as conversas.

Até o momento, as negociações entre Brasil e Estados Unidos ainda não renderam resultados concretos, mesmo depois das conversas pessoais entre os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Donald Trump. O lado brasileiro pede a suspensão das tarifas de 40%, que foram somadas à de 10% aplicada sobre todas as nações.

Além de Rubio, Vieira realizou reuniões com os chanceleres da Ucrânia, Andrii Sybiha, com quem discutiu o andamento da guerra contra a Rússia e os esforços para a negociação de paz, e da Coreia do Sul, Cho Hyun, que manifestou interesse em retomar as negociações de um acordo de livre comércio com o Mercosul.

Urgência

O impacto das tarifas norte-americanas sobre o café brasileiro tem sido uma das principais preocupações do setor. O presidente do Conselho Nacional do Café (CNC), Silas

Divulgação/MRE



No Canadá, os negociadores brasileiro e norte-americano conversaram por cerca de cinco minutos e marcaram um novo encontro

Brasileiro, afirmou que a entidade “manteve todos os contatos possíveis no sentido de que a taxação aos cafés brasileiros por parte dos Estados Unidos fosse retirada”. Segundo ele, essa medida “além de prejudicar a produção e as exportações brasileiras, teria forte impacto sobre os consumidores americanos, uma vez que o café é uma commodity que não é produzida naquele país”.

Silas destacou ainda que o CNC tem atuado em parceria com o governo brasileiro para evitar que o tema se transforme em um conflito político. “Trabalhamos junto ao Governo do Brasil para que houvesse o máximo de cuidado em relação

às declarações oficiais, inclusive as do próprio Presidente da República, a fim de evitar um confronto político no qual todas as partes saíam prejudicadas”, afirmou.

O presidente do conselho também citou o posicionamento do secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Scott Bessent, que reconheceu a necessidade de uma decisão rápida sobre o tema. “O governo americano não pode mais postergar a decisão sobre a retirada da tarifa, pois a manutenção da penalização afetaria diretamente seus consumidores — o que também não seria o melhor caminho”, disse Silas. O CNC mantém a expectativa

de que em breve, terá o resultado esperado, ou seja, a desoneração de algumas culturas produzidas no Brasil e amplamente consumidas no mercado americano, dentre elas, o café.

O diretor-geral do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé), Marcos Antonio Matos, demonstrou otimismo com as negociações. Segundo ele, “houve movimentações de quatro dos maiores torrefadores dos Estados Unidos que contactaram diretamente o Cecafé e comentaram sobre como foram as reuniões com o mais alto escalão da administração Trump na semana passada.”

Matos lembrou que o secretário do Tesouro norte-americano reforçou a urgência de uma decisão. “Scott Bessent falou sobre o problema da inflação e nos próximos dias tomar uma decisão sobre isentar produtos colocando o café em primeiro lugar”, disse. O diretor ressaltou que o café foi um dos itens que mais aumentaram de preço no país estrangeiro. “O café de fato teve a maior inflação dos itens alimentícios, nove vezes a média da inflação norte-americana.”

Antes da imposição das tarifas, o Brasil respondia por até 34% do café consumido nos Estados Unidos. “Nós perdemos por completo



O governo americano não pode mais postergar a decisão sobre a retirada da tarifa, pois a manutenção da penalização afetaria diretamente seus consumidores”

Silas Brasileiro,
presidente do CNC

a competitividade com uma tarifa de 50%, mesmo sendo o café mais competitivo”, afirmou Matos, que defende a isenção em bases iguais para todos os países.

O diretor do Cecafé destacou que as tarifas resultaram em contratos abertos, adiados ou cancelados, o que gerou grande preocupação entre os exportadores devido à perda de espaço nos blends e nos mercados consumidores. Segundo ele, “se o consumidor se adaptar com os novos blends, a gente perde espaços e é muito difícil reconquistar, podendo ser até irreversível.”

Matos acrescentou que a alta nos preços também foi impulsionada por fatores climáticos e pela queda da safra. “Houve mais uma variável que contribuiu para o aumento de preços do café, além, obviamente, da safra brasileira ter sido menor”, afirmou. O preço do café arábica em Nova York subiu de US\$ 284 por libra-peso, em julho, para mais de US\$ 400 em novembro. “A tarifa desarranjou, causou uma grande perda de previsibilidade no mercado”, avaliou.

*Estagiário sob a supervisão de Edla Lula

MOEDA DIGITAL

Drex é inviável, diz Gabriel Galípolo

» RAPHAEL PATI

O presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, disse, ontem, que a situação do Drex é mais complexa que a do Pix parcelado, por exemplo, e que os testes de segurança identificaram problemas — que envolviam falta de garantia necessária à privacidade dos dados — na estrutura utilizada até então nos testes com o Real Digital. Durante a coletiva de apresentação do Relatório de Estabilidade Financeira (REF) do primeiro semestre de 2025, ontem, na sede do Banco Central, em São Paulo, ele disse que o projeto se tornou inviável.

“O que a gente percebeu é que, após quatro anos, a tecnologia não se revelou viável e que existem hoje maneiras de se conseguir atender isso que a gente quer, que é ter esta rede com ativos tokenizados, com essa questão da certificação, que

vai dar segurança e liquidez para que você tome um financiamento ou faça uma transação com smart control de maneira mais simples, com outras tecnologias”, afirmou.

Diante disso, o BC ainda deve definir, até o ano que vem, uma nova tecnologia para o Real Digital com o objetivo de ser utilizada na fase 3 dos testes. Para o presidente da autarquia, a equipe que realiza o desenvolvimento do Drex está mais “agnóstica” em relação a qual tecnologia usar e que o intuito é garantir que a nova plataforma resolva os desafios de usabilidade para os cidadãos.

“O mandado do Banco Central não é usar uma tecnologia nova. Eu quero resolver problemas para a população, que você vê que você precisa complementar a atuação do mercado e facilitar para que o mercado possa desenvolver aquilo, e a área de tecnologia vai

Alexandre Boiczar / Banco Central



te dizer qual é a tecnologia mais adequada para você conseguir fazer aquilo”, acrescentou.

Incidentes

O presidente do BC evitou comentar sobre uma possível data de lançamento, mas afirmou estar mais confiante após o encerramento dos testes com a tecnologia

antiga. Segundo ele, o processo deve ficar mais rápido a partir de agora. “E o que a gente espera é, a partir do momento que, com essa infraestrutura que é o Drex, a população comece a usufruir de novos serviços e de mais facilidades, tudo vai ficar mais claro e simples sobre o Drex. E aí isso vai evoluindo”, disse o presidente.

No relatório publicado ontem

pelo Banco Central, a instituição aponta que houve um aumento expressivo na quantidade de incidentes cibernéticos. De acordo com o BC, esses eventos demonstraram que a materialização do risco cibernético pode trazer implicações para instituições financeiras e de pagamento. Entre os danos causados, estão as perdas financeiras em alguns casos,

O BC vai definir uma nova tecnologia para implementar o Drex, a moeda digital brasileira

além da demonstração de fragilidade em instituições e seus provedores de serviços relacionados a controles essenciais.

Até agosto deste ano, o Banco Central foi notificado em 53 ocasiões por incidentes relevantes desse tipo, o que corresponde a quase o total de casos identificados no ano passado, quando houve 59. As estatísticas reforçam a insegurança do BC com a nova moeda digital, na avaliação de especialistas.

Durante a coletiva, Galípolo também respondeu novamente às críticas sobre a manutenção da Taxa Básica de Juros no patamar de 15% ao ano. Para ele, os comentários são legítimos, mas a autarquia deve manter o rigor técnico para definir a Selic. “Todo mundo pode brigar com o Banco Central. O Banco Central que não pode brigar com os dados”, disse.